

M 282 - Si de Si

"O Globo" - 19. 7. 50

A CRÔNICA de Rubem Braga

NOTAS ANTIGAS

Ah, os casais de antigamente! Como eram plácidos e sábios, e felizes, e serenos...

(Principalmente assim, vistos de longe. E as angústias e renúncias, as longas humilhações caladas? Conheci um casal de velhos bem velhinhos, que era doce ver — os dois sempre juntos, quietos, delicados. Ele a desprezava. Ela o odiava).

Sim, direis, mas há os casos lindos de amor para toda a vida, a paixão que vira ternura e amizade. Acaso não acreditais nisso, detestável Braga, pessimista barato?

E eu vos direi que sim. Já me contaram, já vi. É bonito. Apenas não entendo bem por que sempre falamos de um caso assim com uma ponta de pena. ("Eles são tão unidos, coitados".) De qualquer modo, é mesmo muito bonito; consola ver. Mas, como certos quadros, a gente deve olhar de uma certa distância.

"Eles se separaram" pode ser uma frase triste, e às vezes nem isso. "Estão-se separando" é que é triste mesmo.

Adulterio devia ser considerado palavra feia, já não digo pelo que exprime, mas porque é uma palavra feia. **Concubina** também. **Concubinação** devia ser simplesmente riscada do dicionário; é horrível.

Mas do lado legal está a pior palavra: **cônjuge**. No dia em que uma mulher descobre que o homem, pelo simples fato de ser seu marido, é seu **cônjuge**, coitado dêle.

Mas no meio de tudo isso, fora disso, através disso, apesar disso tudo — há o amor. Ele é como a lua, resiste a todos os sonetos e abençoa todos os pântanos.

119